

## **DORMIR EM PÉ**

*Um tripé com câmara, preparado para filmar. Uma pessoa, de pijama, a PRODUTORA, dormita. Um letreiro com os dizeres:*

### **AUDIÇÃO CENAS DE UMA REVOLUÇÃO TRABALHO VOLUNTÁRIO**

PRODUTORA (Para um ESPECTADOR.)

O senhor gostaria então de fazer uma audição para a nossa curta-metragem e espetáculo de teatro comunitário sobre os cem anos da legislação que, na sequência da Revolução Soviética, do fim da Grande Guerra, do Tratado de Versalhes e das greves de 1919 em Lisboa, apoiadas pelo jornal diário anarco-sindicalista A Batalha, consagrou o limite de 8 horas de trabalho por dia em Portugal? (Sorrindo.) Espero que tenha tudo isto na ponta da língua se lhe perguntarem da próxima vez...

Que personagem vai fazer? Wilson, é melhor... Pode começar? Quer que leia o Eugénio?... Estou a falar da cena da enxada. (Entrega uma cópia da Cena da Enxada ao ESPECTADOR.) Não se vai esquecer da enxada da próxima vez, se houver uma próxima vez, vai? A cena da enxada. Começa com o Wilson a perguntar (Lê.) “Qual é o valor da tua ferramenta?” e o Eugénio a fazer-se desentendido e a dizer “Da minha ferramenta, não sei, mas custa mais dinheiro.” Wilson: “Então é isso que tu dizes! Isto é da cooperativa! Tudo isto é da cooperativa! Não é tua, não é deste, não é minha, é da cooperativa!” Etc. (Pausa. O ESPECTADOR tenta ler. A PRODUTORA interrompe.) Quer experimentar a outra personagem?... Prefere começar noutra parte?... Quer uma cópia do texto?... Quer uns minutos para estudar o texto antes de o fazer? (Pausa.) Prefere voltar mais tarde e dar a vez a outra pessoa enquanto lê? Já alguma vez foi voluntário?... Conhece os trâmites, não? (Apresenta uma declaração ao ESPECTADOR.) Preciso que assine aqui e aqui.

Eu tenho três empregos para financiar este espetáculo. Durmo aqui. Quando posso. Às vezes durmo um bocadinho mesmo em pé, na mudança de turnos. Dois minutos e já está.

Durmo de pé como os cavalos. Madruga e verás; trabalha e terás. Prefiro trabalhar três turnos por dia e ter menos tempo para mim, mas pegar no dinheiro e pagar o que devo. Se não consigo fazer um pé-de-meia, não vale a pena pensar nisso. E o dinheiro vale o quê? Dinheiro é água. Chapa ganha, chapa gasta, e com gosto. Eu ganho muito mal à hora. Tenho de trabalhar muitas horas. Trabalho oito horas com o corpo e a cabeça ao mesmo tempo. Trabalho outras oito só com o corpo, sem a cabeça. E mais oito sem corpo nem cabeça. São vinte e quatro horas em que tiro sempre algum rendimento. Durmo nos intervalos. Na América, há uma espécie de andorinha que quando faz a sua viagem de migração do Norte para o Sul, no fim do verão, consegue voar durante sete dias sem parar. Não dorme. É verdade. Os americanos já estão a fazer testes e pesquisas, para descobrirem o segredo da andorinha e usarem nos soldados que mandam para o Iraque e a Síria e o resto do mundo. Eu consigo estar acordada cinco dias seguidos, de segunda a sexta. “Trabalho feito de noite, de dia aparece.”

O valor do meu trabalho realiza-se porque o dinheiro que ganho é investido em mim. Pão e vinho sobre a mesa. Os transportes. O empréstimo da casa. O pacote do telemóvel, que às vezes é o que me mantém acordada. Mas também me divirto. E depois os restaurantes, as ruas, os bares, a noite. Quem domina as noites, domina os dias.

Veja bem a cena, está na internet, dá para ver no telemóvel. Veja bem o tipo de roupa. Veja bem a barba e cabelo. Veja bem a maneira de falar. Ouça com atenção. Repare bem nos gestos, no desenho do movimento. Veja bem. Veja como eles mexem as mãos sem mexerem o corpo. Veja. Traga isso tudo pronto daqui a pouco, sim?... É preciso decorar o texto das duas personagens, para saber quando responder à outra, sim? (Pausa.) Para trabalhar na área é preciso fazer sacrifícios.

O meu menino está com a avó desde os seis meses. Quanto sinto falta dele, pego no lençol, enrolo-o muito bem e finjo que ele está aqui comigo. Já sonhei que pedia. Sei bem o que diria se precisasse de mendigar umas oito horas por dia, ou se decidisse fazer isso. Não deve ser mau. Os pedintes andam eufóricos. Um mendigo em Paris ganha mais em média que um mendigo em Portugal. Aposto que os turistas lhes dão moedas como se estivessem nos países deles. Mas uma mulher... Uma mulher nem mendigar pode, é posta logo a trabalhar.

Eu tinha marido, mas deixei-o no final de 2011, fez agora sete anos. O meu marido tinha acabado de ser nomeado para um cargo de chefia na administração do banco. Mas uns meses antes ele tinha tido um esgotamento. Abafámos o caso. A carreira dele dependia da reputação de gestor genial e infatigável, daqueles que acordam às sete da manhã para fazer exercício, deixar os filhos na escola e estar no escritório a tempo da abertura dos mercados em Tóquio. Para as outras pessoas, tínhamos ido de férias. A verdade é que estávamos falidos. Tive de fazer prova de rendimentos, para conseguir um empréstimo. Pedi ao meu pai que fosse nosso fiador. O meu marido jamais admitiria, é muito orgulhoso. Acabei por falsificar a assinatura do meu pai. O meu marido melhorou, recomeçou a trabalhar e conseguiu um lugar ótimo. Isto já estava tudo esquecido, e eu andava a pagar o empréstimo às escondidas, mas um dos funcionários do banco descobriu. Se isso se tem sabido, tinha posto em causa o lugar do meu marido no banco. Achava eu na época, morria de medo. Mas hoje sei que não tinha assim tanta importância. Eu fiz tudo para que ele não descobrisse, mas o funcionário acabou por ir ter com ele, para fazer chantagem. Estava desesperado, o coitado. O meu marido virou-se contra mim. A culpa era toda minha, fiquei a saber. E eu que pensava que o facto de ter feito aquilo para o salvar, por causa da saúde dele, justificava tudo. Mas não. Proibiu-me de educar o nosso filho. Só não me queria fora de casa para manter as aparências. E eu pus-me a pensar. Vou trabalhar por conta própria. E fiz-me à vida. Que se fodam os filhos e os maridos. Não é verdade que se tivermos mérito e iniciativa, seremos recompensados? O que ninguém me contou, é que não era fácil para uma mulher divorciada arranjar emprego no final do século XIX, como não era fácil no final do século XX, e não é fácil hoje.

E eu não sabia fazer nada. Só tinha aprendido a bordar e a tricotar. E a fingir. Fiz de tudo. Pedi. Ofereci. E hoje estou aqui, no Rivoli, a fazer uma audição para um espetáculo novo. Anda, mão; fia, dedo. (Pausa. Recolhe a cópia da Cena da Enxada e entrega a Cena das Frases Feitas ao ESPECTADOR.)

Pode começar. Um país para todos. Há lugar para todos. Ninguém fica para trás. Não é como nos comboios ou nos aviões, em que há primeira, segunda, e às vezes terceira classe. Claro que há lugares melhores e lugares piores. Bilhetes com desconto e bilhetes a preço normal. E também há quem não apanhe o comboio e fique para trás. Enquanto uns choram, outros vendem lenços. Enquanto as cigarras cantam, as formigas trabalham. E os grilos comentam na TV. A cada um conforme as suas necessidades, de cada um conforme

as suas capacidades. Temos de ser uns para os outros. Somos os 99%. Somos o 1%. Mas somos 100% portugueses. Não há lugar para todos. O país não dá para todos. Fica sempre alguém para trás. O país não dá para mais. A Europa não dá para todos. O planeta não pode mais. O mundo vai acabar. É como no Titanic, salvam-se primeiro os da primeira classe. Quem correr mais, chega primeiro. Quem chegar primeiro, entra. Quem está dentro, não sai.

Queria correr atrás do meu filho, dizer cucu, onde está o Manel? Assustá-lo! (Cobre-se com o lençol para brincar aos fantasmas.) Buuu! Anda um espectro pela Europa — o espectro do — Buuu! E depois aconchegá-lo. (Adormecendo.) Os pedintes pedem, as putas oferecem e os atores dão. Não me dá uma moedinha? Não me quer fazer companhia? Obrigada.

## Cena da Enxada, do filme Torre Bela

WILSON

Qual é o valor da tua ferramenta? Qual é o valor da tua ferramenta?

EUGÉNIO

Da minha ferramenta, não sei, mas custa mais dinheiro.

WILSON

Então é isso que tu dizes! Isto é da cooperativa! Tudo isto é da cooperativa! Não é tua, não é deste, não é minha, é da cooperativa!

EUGÉNIO

E os outros que não trazem ferramenta nenhuma, a ferramenta deles é da casa deles, e a minha fica da cooperativa. A minha fica da cooperativa e a deles, que não trouxeram nenhuma para utilizar cá a trabalhar, nem querem trazê-las, que é para não levarem descaminho e dão descaminho à dos outros.

WILSON

Dá-me licença? Isto tem o valor de cem escudos.

EUGÉNIO

Exatamente.

WILSON

Vem para a cooperativa, a cooperativa dá-te cem escudos. E isto já não é teu. Isto é meu, é deste, é de todo o mundo.

EUGÉNIO

Pode ser muito bem, mas eu é que trabalho com ela. Eu preciso de fazer amanhã trabalho naquilo que é meu, no bocadinho que lá tenho, tenho de ir comprar outra?

WILSON

Há uma das coisas —

EUGÉNIO

Fica a ser da cooperativa, e depois vou comprar outra, é sempre da cooperativa?

WILSON

Nada, nota —

EUGÉNIO

Daqui a nada também o que eu visto, o que eu calço é da cooperativa? Se eu comprei?

WILSON

É isso! É isso mesmo!

EUGÉNIO

Amanhã tiram-me as botas, ficam da cooperativa.

WILSON

Se me dás licença, é essa a nossa finalidade.

EUGÉNIO

E eu fico nu.

WILSON

Tu não ficas nu, tu ficas com mais roupa que a que tens!

EUGÉNIO

Eu não vejo nada disso.

WILSON

Tu nunca na tua vida de escravo —

EUGÉNIO

Cada vez vejo mais —

WILSON

Tu és louco!

MARIA

Cala-te.

EUGÉNIO

Só quem não vê, é aqueles que morreram e aqueles que estão ainda para nascer, esses é que ainda não viram

MARIA

Mas escuta, tu perdeste essa ferramenta —

EUGÉNIO

Eu não a perdi!

WILSON

Oh, Vitória...

MARIA

A gente paga-te.

WILSON

O que esta camarada tua está a dizer-te, [...] ela compreendeu. Tu no fundo hoje não compreendes nada, não sei porquê? Vou-te dizer mais uma vez. Tu disseste há bocado que ficavas sem roupa, ficavas sem nada. A finalidade tua, do teu trabalho, do meu trabalho, de todo este trabalho, é para que não fiques sem roupa, é para que tu fiques com mais roupa que a que tens. É para que tu, realmente fiques com tudo. Todavia lembra-te, para não haver problemas, e é uma das coisas já a discutir, é que esta ferramenta que tu dizes que é tua hoje, passe a pertencer da cooperativa. E só assim isto vai para a frente. Porque nota: se tu deste quarenta ou cinquenta escudos por ela, a cooperativa dá-te o dinheiro por ela. E quando cá chegares, ela é tua, é a tua ferramenta. Por conseguinte respeita-a, e tens que a tratar como deve ser.

EUGÉNIO

Pois é precisamente isso.

WILSON

Já não há esse problema de tu dizeres que isto é meu, aquilo é meu. Isto é de todos. Porque nota, ninguém, nem mesmo ninguém, consegue, nem pode, nem deve travar este processo.



## **Cena das Frases Feitas**

Um país para todos.

Há lugar para todos.

Ninguém fica para trás.

Enquanto uns choram, outros vendem lenços.

Enquanto as cigarras cantam, as formigas trabalham.

A cada um conforme as suas necessidades, de cada um conforme as suas capacidades.

Temos de ser uns para os outros.

Somos os 99%.

Somos 100% portugueses.

Não há lugar para todos.

O país não dá para todos.

Fica sempre alguém para trás.

A Europa não dá para todos.

O planeta não pode mais.

O mundo vai acabar.

Quem correr mais, chega primeiro.

Quem chegar primeiro, entra.

Quem está dentro, não sai.